

RELAÇÕES ENTRE O BUDISMO E A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: SUSTENTABILIDADE E HUMANISMO NA PERSPECTIVA DO BUDISMO PARA UMA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA HUMANISTA E AMBIENTAL

Orlando Cesar Barbeiro Junior
Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR), Professor de Geografia no Ensino Médio e Fundamental.

Resumo: O presente trabalho trás a discussão de abordagens ideológicas da religião Budista como métodos e práticas sociais para ser utilizadas na área de ensino da disciplina de Geografia. A principal proposta nesse primeiro momento é analisar a pratica de ensino da Geografia Humanista, corrente do pensamento geográfico que esta atrelada a Geografia Cultural, com os conceitos de sustentabilidade que existem dentro perspectiva do Budismo, posteriormente essas abordagens fará parte do tema de pesquisa do mestrado onde o autor continuará essa investigação propondo como objetivo geral abordar os fatores teóricos da Geografia Humanista Cultural ligado as questões sustentáveis e ambientais assimilando com a postura filosófica do Budismo. Conforme (Yamamoto 2003, p. 128), na cosmologia budista a realidade pode ser dividida em três esferas ou reinos de existência: o indivíduo (que abrange existência, pensamento e ação); as inter-relações ou instituições coletivas que formam a sociedade; e o resto do mundo natural. De acordo com lei cármica, as ondulações da intenção e extravasamento das ações nos três reinos têm fluxos de retorno que causam efeitos sociais sobre o autor. Assim, a interdependência é a base fundamental para o cuidado ambiental e social. Esta visão da natureza da realidade tem muito em comum com muitas dos estudos atuais relacionados às questões ambientais, por exemplo, a economia, ecologia, ecologia social contemporânea e a busca da saúde por meios mais naturais, como também a interdisciplinaridade, a incorporação da economia dentro da sociedade e da natureza e o reconhecimento de toda a escala e extensão do ciclo de vida, além das repercussões e fluxos sobre os efeitos das atividades e escolhas humanas. Seguindo essa interpretação, segundo (Tuan 2012, p. 101), há de se refletir sobre toda uma gama de conceitos e princípios que dão base e sustentam a Geografia Humanista como forma de se refletir sobre as relações sociais em relação ao meio ambiente em que se tem fortemente evidenciadas relações culturais, sentimentos; enfim, se apresenta como uma abordagem que busca compreender o espaço geográfico como espaço de vivência.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Geografia Cultural. Budismo.

A EDUCAÇÃO NO PONTO DE VISTA BUDISTA

Uma das propostas de educação budista surge no Japão em 1930, com o nome de Soka Gakkai (Sociedade de Criação de Valores), essa organização foi iniciada pelo pedagogo Tsunesaburo Mikagushi (1871-1944). A proposta educacional de Mikagushi esta ligada a uma das escolas filosófica budista denominada Nishiren Shoshu, onde sua base doutrinária enfatiza a solucionar os problemas da humanidade através do ensinamento da educação para a paz. Esses ensinamentos vêm de uma denominação budista que faz parte de uma vertente da tradição budista Mahayana, essa que é detentora da tradição budista japonesa e mantém a sua base doutrinária nas explicações do Monge Nishiren (1222-1282).

O Budismo, que originalmente surgiu na Índia no período de 236 a.C, posterior a sua propagação é criado duas escolas budistas principais, a Escola Theravada “Escola dos Anciões” e a Escola Mahayana “O Grande Veículo”.

A Escola Theravada enraizou na atual região do Sri Lanka, já o budismo Mahayana seguiu para a Ásia Central, chegando ao Japão nos meados do século VI, depois de ter atravessado o continente asiático por mais de mil anos. O Budismo que encontramos no Japão é bem diferente do que nasceu na Índia.

Segundo (Sasaki, 2011), o Budismo foi fator fundamental para a contribuição da cultura e com sociedade japonesa e suas tradição religiosas, um dos princípios budistas é a idéia de transcendência ou a negação do mundo, uma vez que consideram o universo um local materialista e um mundo de sofrimento (doença e morte). Isso representou uma orientação valorativa completamente estrangeira, uma perspectiva que não existia nas idéias religiosas xintoístas do povo primitivo japonês, antes da introdução do Budismo.

Embora no início esse novo princípio não tenha sido compreendido muito bem, no Japão, tanto os apoiadores quanto os opositores do Budismo consideravam o Buda meramente como um tipo de “*kami*”, uma divindade vinda de outras terras.

Podemos referir que alguns dos conceitos da filosofia budista são a dignidade e a igualdade inerentes em todos os seres vivos, unidade da vida e seu meio ambiente, o inter-relacionamento das pessoas que fazem do altruísmo o caminho viável para a felicidade, o direito fundamental de cultivar o auto-desenvolvimento por meio de um processo de reforma auto-motivada denominada de "Revolução Humana", entre outras questões.

A escola budista Soka Gakkai que possui o mesmo objetivo da filosofia humanística, cujo por meio dessas buscas em uma construção de cultura e paz, promove atividades de mecanismos à criação de valores ao meio ambiente e o bem-estar dos seres vivos, contribuindo para a sintaxe de uma sociedade pacífica baseada no Humanismo por meio da promoção de ações conscientes que desenvolvam o potencial inerente de todos os seres humanos.

A GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL

Conforme (TUAN, 1982) aborda, a Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar.

Referente a isso podemos então afirmar que os estudos da Geografia Humanista tenham como intuito a premissa de que cada pessoa possua uma percepção de mundo, aliado a ido expressa diretamente por meio de seus valores culturais e atitudes com o meio ambiente. Em outras palavras, a Geografia Humanista busca a compreensão do contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza seu espaço em que nele se relaciona.

Dentro do horizonte onde é representado a Geografia Humanista, de início podemos dizer que o estudo causou, e ainda causa em diversos teóricos do contexto geográfico, certa preocupação com a redefinição das noções geográficas de paisagem, pois o homem encontra-se no centro e não mais como observador.

Segundo (Oliveira, 2001), no Brasil, os estudos pautados sobre a Geografia Humanista tomaram destaque a partir da década de 70, período no qual trabalhos acerca dessa linha de pensamento são traduzidos e publicados no país, sendo esse movimento responsável pelo desencadeamento de um maior interesse, especialmente por parte dos geógrafos, pelo reconhecimento de como as pessoas percebem o seu redor, o seu meio ambiente.

Os trabalhos nessa linha de pesquisa prosseguiram de forma menos abundante relacionada a outros modelos de estudo geográficos, sendo, no caso, em grande destaque a produção de diversos trabalhos sobre percepção ambiental, o que é ainda mais popularizado com a tradução dos livros Topofilia e Espaço e lugar de Yi fu

Tuan, realizadas respectivamente em 1980 e 1983, além disso, fazendo com que a ampliação de discussões acadêmicas tanto em disciplinas vinculadas a cursos de graduação e pós-graduação quanto a pesquisas observadas em projetos específicos ou individuais. Porém, segundo (Rocha, 2007), no Brasil a Geografia Humanista ainda é discutida por um grupo que proporcionalmente ainda é reduzido em relação a outras perspectivas de estudo geográfico.

Por tanto podemos analisar a Geografia Humanista como uma ciência que busca compreender as relações sócio-espaciais de maneira que se examinam esses processos por um contexto que pesquisa as experiências das pessoas e grupos em relação ao espaço, com o fim de entender seus valores e comportamentos, como os elementos mais particularmente humanos da relação dos homens com o espaço e o ambiente, que respectivamente poderá ser os valores de crenças, os símbolos e atitudes. Assim, fica reforçada uma nova linha de pensamento denominada de Geografia Humanista Cultural, a qual estava alicerçada em temas tais como história da cultura no espaço, ecologia cultural e, principalmente, paisagens culturais, de acordo com (Corrêa, 1999).

A PROPOSTA DA ANÁLISE ENTRE A GEOGRAFIA HUMANISTA E O BUDISMO

O que se sugere em poder analisar a corrente geográfica humanista e seus conceitos de sustentabilidade simultaneamente com a filosofia budista vem da seguinte especulação de que ambas possam ter os preceitos semelhantes, concomitantemente a isso, poderemos chegar à conclusão de que uma corrente filosófica da ciência geográfica pode ter grande parença com a filosofia Budista.

Agregar estudos da filosofia oriental Budista para a Geografia poderá mostrar grandes potenciais educativos, afinal, no interior da filosofia Budista temos várias abordagens de protecionismo com o meio ambiente e maneiras sustentáveis ao modo de vida, referente a isso temos as teorias dentro da corrente da Geografia Humanista e é nesse caso que poderemos abordar o análogo entre as duas fontes filosóficas.

Além disso, a Geografia Humanista é uma corrente filosófica que agrega grandes valores para o ensino de Geografia, visando sempre as praticas de

sustentabilidade, abordando a importância dos valores culturais e sobressaindo com os princípios de cidadania. Esse trabalho configurara em caráter epistemológico, onde ao decorrer da investigação científica será praticamente realizada e fundamentada em cunho teórico.

Primeiramente será utilizado o método histórico, onde o foco da investigação estará nos acontecimentos do passado para poder investigar suas parcelas de influência na civilização atual. É necessária a utilização desse método, pois, segundo (Lakatos e Marconi 2007, p. 107), “as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época.”, visando isso compreendemos que é fundamental estudar as raízes dos fatores propostos no trabalho para a melhor compreensão do seu papel perante os períodos, além disso, reconhecendo suas modificações ao longo do tempo.

Posterior a isso usaremos o método fenomenológico, onde estabeleceremos uma base segura de preposições para nossa pesquisa, nessa metodologia abordaremos sem dedução e nem de forma empírica, consistindo em abordar o que é dado em esclarecer, conseqüentemente com uma tendência orientada totalmente ao objeto de estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Com a evolução da humanidade relacionada às diversas áreas da ciência, acompanhada especialmente das ciências humanas, na busca de uma melhor compreensão e interpretação das novas formas de viver no mundo, as coisas foram modificando e evoluindo, no ritmo das transformações sociopolíticas, econômicas, culturais e espaciais ocorridas no âmbito mundial.

Simultaneamente, os paradigmas se ordenaram seus princípios teóricos organizaram e os conceitos em níveis de relevância se priorizaram, determinados valores e atitudes para explicar cientificamente as mudanças da realidade e seus desdobramentos. Neste processo, diferentes modelos coexistiram durante certos períodos e em muitas vezes se postulou a articulação de paradigmas “incompatíveis” ou complementares.

Dentro da compreensão da evolução da sociedade relacionada à ciência, temos a complexidade da ciência geográfica, Yi Fu Tuan geógrafo chinês aborda a ciência geográfica pela percepção da Geografia Humanista Cultural assimilando as relações do ser humano com a natureza.

Nessa interpretação, segundo (Tuan, 1980), há de se refletir sobre toda uma gama de conceitos e princípios que dão base e sustentam a Geografia Humanista como forma de se refletir sobre as relações sociais em relação ao meio ambiente em que se tem fortemente evidenciadas relações culturais, sentimentos; enfim, se apresenta como uma abordagem que busca compreender o espaço geográfico como espaço de vivência.

Um grande autor dessa corrente do pensamento geográfico que não pode ser esquecido é Eric Dardel que produziu uma obra em que a fenomenologia existencialista é a base de sua teoria. Dardel não aceitava que a geografia fosse vista como uma disciplina científica nos padrões positivistas. Para ele a geografia se referia à inserção do “homem-no-mundo”, de modo que não pode lidar apenas com aspectos objetivos ligados a um espaço geometrizado.

(Dardel, 1990) propõe que ela pressupõe um campo de estudos próprio que se refere à existência humana na Terra, a partir de um objeto fenomenologicamente determinado: o "espaço geográfico", que tem como elemento essencial a "geograficidade", definida como uma "geografia vivida em ato" a partir da exploração do mundo e das ligações de cada homem com sua terra natal.

Na primeira metade da década de 70 podemos destacar então nomes como de Yi-Fu Tuan e de Anne Buttimer como os que mais colaboraram na busca por uma identidade própria para a geografia humanista.

Segundo (Holzer, 1999), esses autores foram os primeiros na utilização dos conceitos de lugar e de mundo vivido, ambos associados a uma base teórica fenomenológico-existencialista, aporte que mais tarde permitiria a identificação de seus trabalhos como humanistas.

O budismo possui um posicionamento imanente, pois acredita em um ser divino ou de poderes dentro de um indivíduo. Imanência é definida por (Jiang, 2006) como aquilo em que pode ser feita referência, permitindo que o referente situar-se dentro dos limites do mundo dos fenômenos com dependência recíproca entre eles.

Os budistas não crêem em um Deus como um ser externo, no entanto, acreditam em objetivos finais e princípio como eles vivem um sentimento de significado definitivo.

Conforme (Mitchell 1993) a filosofia budista evita um tipo simplista segundo qual existe apenas uma única realidade ou dualista entre o relativo e o absoluto, filósofos budistas falam de não dualidade: a verdade e a mentira, a iluminação e a paixão cega, Nirvana (estado de libertação atingido pelo ser humano ao percorrer sua busca espiritual) e Samsara (ciclo da morte e renascimento). Não-dualidade, mantida em tensão criativa, nega a disjunção do relativo e do absoluto e, ao mesmo tempo, afirmam a sua polaridade. Nesta mesma linha, (Suen et al. 2007) aborda que o Budismo não exige fé cega de seus seguidores, não expõe credos dogmáticos, não encoraja ritos supersticiosos, mas propõe um viver e pensar puro, em busca da suprema sabedoria e divergência de todo o mal, propondo o Caminho do Meio onde defende nem o extremo ascetismo nem a austeridade. Ou seja, nem a pobreza ou a riqueza não é para serem valorizadas ou serem desvalorizadas.

A visão de mundo do Budismo também é apresentada por (Daniels, 2010), colocando que os mais importantes princípios budistas são as Quatro Nobres Verdades (ou "realidades") e a temática generalizada de interconexão e interdependência de todas as coisas existentes. As Quatro Nobres Verdades são: reconhecer que existe o sofrimento, ou inquietude - a existência envolve inevitavelmente insatisfação persistente e está relacionada com a impermanência; há uma causa para esse sofrimento ou inquietude, que é o apego ao desejo (em suas diversas formas); há uma maneira de acabar com o sofrimento e alcançar a paz - cessar apego aos desejos que buscamos, pois eles dependem de fontes que são intrinsecamente impermanentes; e o meio para sair do sofrimento é o caminho óctuplo, dominado pelos princípios humanistas da "conduta correta", ou ação associada aos conhecimentos, intenções e condicionamentos mentais subjacentes à ação.

Conforme (Yamamoto, 2003), na cosmologia budista a realidade pode ser dividida em três esferas ou reinos de existência: o indivíduo (que abrange existência, pensamento e ação); as inter-relações ou instituições coletivas que formam a sociedade; e o resto do mundo natural. De acordo com lei cármica, as ondulações da intenção e extravasamento das ações nos três reinos têm fluxos de retorno que causam efeitos sociais sobre o autor. Assim, a interdependência é a base fundamental para o cuidado ambiental e social. Esta visão da natureza da realidade tem muito em comum com

muitas dos estudos atuais relacionados às questões ambientais, por exemplo, a economia, ecologia, ecologia social contemporânea e a busca da saúde por meios mais naturais, como também a interdisciplinaridade, a incorporação da economia dentro da sociedade e da natureza e o reconhecimento de toda a escala e extensão do ciclo de vida, além das repercussões e fluxos sobre os efeitos das atividades e escolhas humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTTIMMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: Christofletti, Antônio (org.) *Perspectiva da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (Org.). *Elementos de epistemologia da Geografia Contemporânea*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

DANIELS, P.L. Climate change, economics and Buddhism — Part I: An integrated environmental analysis framework. *Ecological Economics* 69. pg. 952–961, 2010

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werter Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011

HOLZER, Werther. (1999). O lugar na geografia humanista. *Terntó- rio*. (7) : 67-78.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 6.ed.5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007

MARANDOLA Jr. E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. *Qual o Espaço do lugar?* Epistemologia e fenomenologia São Paulo: Perspectiva, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

OLIVEIRA, Livia de. Percepção do meio ambiente e Geografia. In: OLAN – Ciência & Tecnologia [arquivo de dados legíveis por máquina]. v.1, n. 2 nov. 2001. Rio Claro: Aleph, Engenharia e Consultoria Ambiental, 2001. p. 14-28.

PEREIRA, Ronan Alves. O budismo leigo da Soka Gakkai no Brasil: da Revolução humana a utopia mundial / Ronan Alves Pereira. - - Campinas, SP: 2001.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1997.

SASAKI, Elisa Missae. Valores Culturais e Sociais Nipônicos. In: IV Encontro sobre Língua, Literatura e Cultura Japonesa. Rio de Janeiro, 2011.

SUEN, H.; CHEUNG, S.; MONDEJAR, R. How do the teachings of Confucianism, Taoism and Buddhism and Globalization influence ethics management? *Journal of Project Management* 25. Pg. 257–265, 2007

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Londrina:Eduel, 2012.

TUAN, Yi Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1982.

YAMAMOTO, S. Mahayana Buddhism and environmental ethics: from the perspective of the consciousness-only doctrine. Kluwer Academic, New York, pp. 239–255. 2003